

UM NOVO OLHAR SOBRE A OBRA DE SAINT-EXUPÉRY

Daniela MANTARRO CALLIPO*

MUNHOZ, Patrícia. **A influência da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry**. 2014. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

A tese de doutoramento intitulada *A influência da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry* lança um novo olhar a respeito da obra do autor francês, que se tornou conhecido, sobretudo, graças à criação do célebre *Pequeno Príncipe* (1943), um dos livros mais populares da Literatura Mundial. A história do pequeno viajante solitário, contudo, acabou sendo mal compreendida pela crítica, que a considerou apropriada apenas para crianças e adolescentes. Essa visão equivocada estendeu-se por toda a obra de Saint-Exupéry (1900-1944), que foi tachado de escritor infanto-juvenil e criticado por sua alienação em tempos de guerra.

Patrícia Munhoz procura, em sua pesquisa, discutir essa visão reducionista da obra de Saint-Exupéry, retomando aspectos biográficos que comprovam seu engajamento e analisando quatro textos do escritor produzidos em meio ao exílio e à Segunda Guerra Mundial. São eles: *Pilote de Guerre* (1942), *O Pequeno Príncipe* (1943), *Lettre à un otage* (1943) e *Écrits de Guerre* (1982), publicado postumamente. A pesquisadora busca demonstrar que a produção literária de Saint-Exupéry reflete as questões político-sociais do período, por meio de elementos presentes em sua obra, como o exílio e o engajamento.

Dividida em quatro capítulos, a tese de Patrícia Munhoz traça o perfil do escritor e piloto, demonstrando que a guerra que ele testemunhou está intimamente ligada à sua produção literária, visto que Saint-Exupéry participou

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Assis – SP – Brasil. 19806-900 – callipo@assis.unesp.br

dos combates como piloto e recuperou esses acontecimentos em seus textos, posicionando-se de forma inequívoca em relação aos combates e ao exílio.

No primeiro capítulo, intitulado “Nas asas do piloto-poeta: transitando pela História”, a pesquisadora descreve a trajetória de Saint-Exupéry, retomando aspectos fundamentais de sua infância, como o nascimento no seio de uma família aristocrática, a importância da presença da mãe, que representava para ele “o modelo de perfeição feminina” (MUNHOZ, 2014, p.24) e a primeira experiência em um avião, aos doze anos de idade, experiência esta descrita em um poema que demonstra o entusiasmo precoce pelo voo. Munhoz recupera episódios importantes da vida do escritor, que presenciou as duas Grandes Guerras, como a composição dos primeiros poemas, as perdas na família, a redação do jornal *LEcho de troisième*, o ingresso no serviço militar em 1921 e o desejo de se tornar piloto, que se concretiza nesse mesmo ano e, apesar dos acidentes, será sua grande paixão. Voar permitiu-lhe visitar a África e a América do Sul, onde conheceu Consuelo Suncin, com quem se casou em 1931. Nesse mesmo ano, publicou *Vol de nuit*, livro premiado, traduzido para outras línguas, adaptado para o cinema, mas que foi, segundo Munhoz, massacrado pela crítica. Exupéry continua com suas viagens, conhecendo a antiga União Soviética, a Alemanha de Hitler e, no início de 1938, visita os EUA, onde se instala para se submeter a um tratamento de saúde e aproveita para se dedicar à literatura, lançando, após um silêncio de sete anos, *Terre des hommes*, “[...] obra que o consagrará como escritor de sucesso, não só em solo americano, como também em seu país de origem.” (MUNHOZ, 2014, p.34).

Em 1939, Exupéry recebe permissão para integrar o grupo de reconhecimento II/33, como piloto encarregado de fotografias aéreas a altitudes elevadas. Nesse período, ocorrem episódios importantes da História, como a assinatura do armistício em junho de 1940, que prejudica a França, deixando-a dividida em duas zonas, a primeira ocupada pelos alemães e a segunda, livre. A situação leva Exupéry a exilar-se nos EUA em 1941, onde “[...] vive momentos intensos de angústia: desavenças conjugais, problemas em seu país, dissensões entre os imigrantes franceses em Nova Iorque, bem como as novidades desoladoras recebidas da Europa.” (MUNHOZ, 2014, p.37). Em 1943, é reintegrado ao grupo II/33, o que o forçará a missões arriscadas que culminarão em sua morte em julho de 1944, quando é atingido por um caça alemão.

Nesse mesmo capítulo, Patrícia Munhoz traça um panorama da Segunda Guerra Mundial e descreve o mundo dilacerado pelos conflitos sangrentos,

muitos dos quais presenciados por Exupéry e descritos em sua obra, reflexo do tempo em que viveu.

No segundo capítulo, “Imagens de um poeta em guerra”, Munhoz analisa as imagens presentes na poética de Saint-Exupéry, dividindo-as em “diabólicas” e “paradisíacas”, de acordo com a denominação proposta por Northrop Frye em seu *Anatomia da Crítica*. As primeiras referem-se à desordem e ao caos decorrentes da guerra, como os engarrafamentos, os incêndios, o êxodo desordenado, a destruição. As segundas concernem às lembranças da infância, que servem de “refúgio”, como uma “[...] tentativa de construir um mundo paralelo ao mundo caótico do momento da guerra, um mundo onde o narrador pode exilar-se para longe do caos que testemunha.” (MUNHOZ, 2014, p.79). Para a pesquisadora, Exupéry tem sempre duas perspectivas em relação à mesma situação, “[...] porque o narrador é capaz de nos transmitir um mesmo acontecimento pelos olhos de alguém que sobrevoa o local e pelos olhos de um combatente que caminha ao lado das pessoas [...]” (MUNHOZ, 2014, p. 69), como se houvesse dois universos, aquele do avião e aquele do solo.

Nesse mesmo capítulo, Munhoz analisa *O Pequeno Príncipe*, apresentando a filosofia nele contida e recusando a leitura que o reduz a obra infanto-juvenil. A pesquisadora destaca a relação existente entre o livro e o conflito bélico, afirmando que a “[...] descrição simbólica de cada planeta relembra valores talvez esquecidos durante a guerra, período de elaboração e publicação da obra.” (MUNHOZ, 2014, p.98).

No terceiro capítulo, “Escrita em trânsito”, Munhoz trata de *Pilote de guerre*, romance criado em um momento delicado para o autor, por causa do contexto em que vivia, longe de seu país e de seus amigos, humilhado pela derrota de 1940, perplexo diante da Europa arrasada pela Guerra e atacado pelo seu não posicionamento político. Em *Pilote de Guerre*, Munhoz observa uma escrita que mescla as descrições da guerra e as reflexões de um narrador que busca em sua memória as imagens “perdidas e carregadas de sentido” (MUNHOZ, 2014, p.106). Servindo-se de uma escrita fragmentária, o narrador cria um texto em prosa, cuja estrutura, segundo a pesquisadora, assemelha-se a um poema, graças ao uso de repetições, espaços entre os parágrafos, estribilhos e figuras de linguagem. Munhoz também nota uma mistura de vários gêneros em *Pilote de Guerre*, o que garante um caráter híbrido ao texto, refletindo, ao mesmo tempo, “[...] um período de transformação do romance francês, a situação desoladora causada pela guerra, bem como o momento de desordem

interior pelo qual passava o autor.” (MUNHOZ, 2014, p.125). No mesmo capítulo, Munhoz dedica-se à análise de *Lettre à un otage*, obra dividida em seis partes, com características de ensaios, a respeito dos valores que o autor considera importantes, das lembranças do deserto, da efemeridade da existência, do medo da morte. A pesquisadora levanta dados a partir do “olhar em trânsito” de Exupéry, que evoca em seu texto experiências como a viagem a Portugal, sua vivência como piloto de guerra, o período que viveu no Saara, a amizade com Léon Weth e seu trabalho como repórter durante a guerra civil na Espanha.

No quarto e último capítulo, intitulado “Exílio e Escrita”, a pesquisadora destaca a participação ativa de Exupéry na Segunda Guerra, contrariando “[...] as orientações médicas, a administração militar e todos os amigos que preferiam que ele assumisse um cargo menos perigoso.” (MUNHOZ, 2014, p.144). Munhoz retoma as obras *Pilote de Guerre* e *Écrits de Guerre*, descrevendo os problemas de Saint-Exupéry diante do engajamento e das questões políticas que cercavam a Guerra. Segundo Munhoz, *Pilote de Guerre* é uma “[...] reconstrução da missão sobre a cidade francesa de Arras [...]” (MUNHOZ, 2014, p.145); o autor, entretanto, ao mesclar relatos de outras operações, no momento em que a Alemanha invade a França, expressou “sua revolta e sua indignação”, tratando da “[...] fraternidade, do respeito e das relações com o homem, com o grupo que divide com ele este desastre.” (MUNHOZ, 2014, p.145). A obra foi muito bem aceita pelo público, figurando entre os livros de grande vendagem durante seis meses; entretanto, recebeu críticas pelo fato de ter um judeu como personagem da trama. Na França ocupada, o livro foi interdito pelo controle alemão de imprensa, o que justifica a existência de publicações clandestinas.

No que concerne a *Écrits de guerre*, a pesquisadora salienta que muitos intelectuais foram perseguidos, exilados ou emigrados voluntários, deixando sua pátria e tentando recomeçar sua vida em outro país. No caso de Exupéry, ele emigra para os Estados Unidos, onde “[...] parece sofrer em dobro os suplícios do desterro, já que, além de ter de suportar as dores de estar longe de sua pátria, tem de enfrentar a perseguição de seus conterrâneos.” (MUNHOZ, 2014, p.161).

Nesse mesmo capítulo, a autora defende o engajamento de Saint-Exupéry, que foi um intelectual combatente na medida em que apontou os horrores da invasão alemã, criticou as falhas do sistema político da França e buscou encontrar uma explicação para a derrota de seu país, além de questionar o

sacrifício de tantos homens em troca de informações a respeito da estratégia bélica. Segundo Munhoz, já em 1939, ainda no início da guerra, Exupéry menciona os extermínios em campos de concentração e a fuga dos judeus que buscam asilo em outros países.

Patrícia Munhoz revela, portanto, uma faceta ainda desconhecida de Saint-Exupéry, aquela de um escritor engajado, envolvido com as questões que assolavam o mundo durante a Segunda Guerra Mundial. Para provar sua tese, serve-se de obras pouco visitadas do autor, embora recorra a *O Pequeno Príncipe*, mostrando que esta última foi mal compreendida e injustamente caracterizada como literatura infanto-juvenil. Munhoz demonstra que a guerra está descrita na produção de Saint-Exupéry, não só porque ele viveu “[...] durante essa fase cruel da história da humanidade, mas, sobretudo, por ter participado dos combates e ter se posicionado em relação ao que acontecia no mundo por seus escritos.” (MUNHOZ, 2014, p.182).

A autora observa que, ao recorrer às imagens de sua infância, Saint-Exupéry não está buscando uma forma de se alienar da Guerra, mas procurando um refúgio do horror presenciado por causa dos ataques dos caças alemães.

A tese de Patrícia Munhoz lança um novo e original olhar a respeito da obra de Saint-Exupéry, que já mereceu alguns estudos acadêmicos, mas nunca havia sido abordada pelo prisma de um engajamento feito por meio da escrita. Para a pesquisadora, é inegável que a Segunda Guerra desempenha “[...] um papel importante na produção literária de Saint-Exupéry e sua escrita está intimamente ligada a sua participação ativa no conflito mundial, também como maneira de engajar-se.” (MUNHOZ, 2014, p.12). As reflexões de Munhoz comprovam o engajamento do escritor, não o engajamento de quem pegou em armas e lutou por um ideal, mas daquele que, por meio de sua obra, criticou a situação desoladora vivida durante a Segunda Guerra, de um mundo em desordem, sem sentido.



